

## NOMES, MORTES CIDADE DE GOIÁS\*

*Carlos Rodrigues Brandão\*\**

Muitas mortes há.

E o doce manto da noite estendido sobre os fogos do dia não as oculta. A algumas podemos resistir com o ofício ancestral de nossas armas naturais: arados, foices e violas. São os nomes das mortes da fome que quando somos livres não resistem seis dias ao poder do trabalho e da terra. Essas mortes queimamos aos sábados em fornos de barro de onde as mulheres retiram tabuleiros de pão.

Muitas mortes há.

E mesmo a brisa na madrugada vinda, a que dobra o tênue tecido da noite não a espalha. Para outras são exigidos os usos de terços e rosários que as velhas da aldeia desfiam entre os dedos. Preces que fazem a seres que não vemos, mas que estão lá, porque as velhas que sabem dizem que estão. Outras não enfrentam o poder dos magos que temos, homens que dançam e a quem obedecem as estrelas. Os que salvam dos terrores do oculto as tribos de que somos.

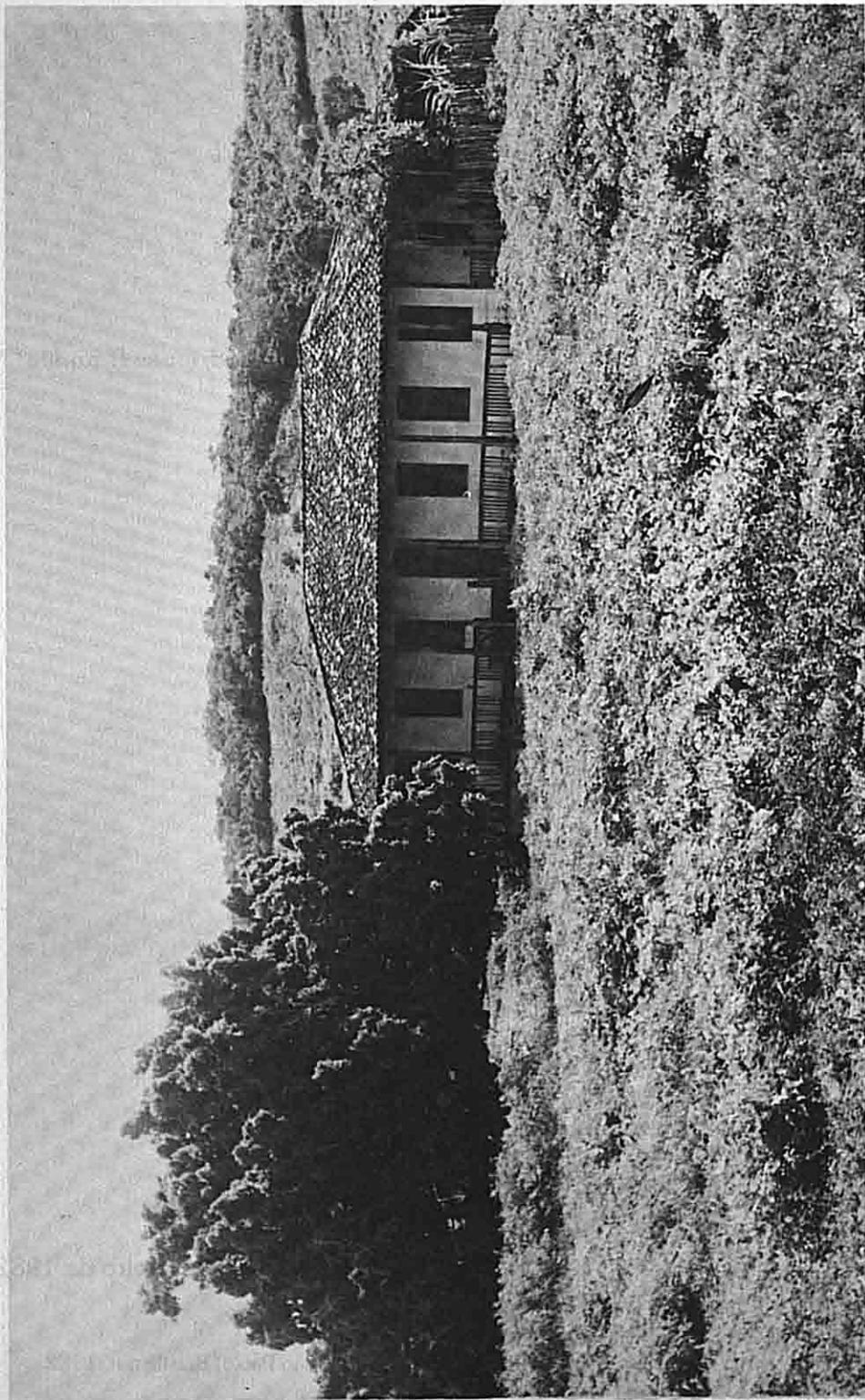
Muitas mortes há.

E até mesmo o sol que desvela a poderes de fogo os nomes de inverno dos seres do mundo não as decifra. Porque há mortes sem nome conhecido. Mortes com o nome oculto dos segredos que os sábios que temos nos contaram. Por isso essas mortes nos matam e pelos cantos da aldeia catam nossos filhos. São mortes que chegam de fora e aterrados perguntamos: como vencer os poderes do que não sabemos nomear?

16 de fevereiro de 1982

\* Publicado em *Diário de Campo: a antologia como alegoria*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

\*\* Poeta e Professor da Unicamp.



Engenho Salgado, de propriedade de Manuel Costa Silva, Município de Riachão do Dantas, em Sergipe.  
Foto: Francisco José da Costa Dantas.